

JOGO DE CARTAS, UMA LEITURA DA CORRESPONDÊNCIA DE MACHADO DE ASSIS

MARÍLIA ROTHIER CARDOSO*

RESUMO

Organizadas em torno do "jogo", como paradigma e como metáfora, estas considerações iniciais sobre a correspondência de Machado de Assis para Magalhães de Azeredo e de Mário de Andrade para Murilo Miranda buscam dar conta de relações contraditórias entre o discurso epistolar e o ficcional, no entrecruzamento dos discursos sócio-econômicos e artístico-intelectuais. (Trabalho redigido durante o curso "Correspondência Literária", ministrado pelo professor Silviano Santiago, na PUC-RJ, 2º semestre de 1984).

As cartas são marcadas, por traços convencionais fixos — números, figuras e naipes; cabeçalho, fecho e sobrescrito. Ainda assim, têm grande mobilidade: toda carta tem seu momento de coringa. Transitando, freqüentemente, do domínio particular para o público — da diversão gratuita para o jogo sério, onde se investem dinheiro e influência —, as cartas tornam-se preciosas e perigosas. Cada cartada é um risco.

Trocadas e lançadas na mesa de jogo, (com ou sem estilo ou perícia), as cartas fizeram-se para serem lidas. E seus traços são decifrados de maneira diferente por cada tipo de leitor. O parceiro-destinatário toma os signos no seu valor afetivo ou pragmático, pois tem de dar resposta imediata à mensagem recebida, já o cartomante-crítico se apega às estrelinhas; desloca a carta de seu espaço habitual para descobrir o sentido que ela oculta.

Quando as notícias tornam-se curiosidade e as discussões ficam anacrônicas, é sinal de que as cartas passaram da mesa de jogo para as mãos do decifrador (cartomante-crítico). Na

*Pesquisadora do Museu da República do Rio de Janeiro, Professora de Literatura Brasileira da Universidade Estadual do Rio de Janeiro.

troca dos correios, como no calor da partida, ganha-se ou perde-se — uma quantia, uma influência, uma reputação ou um amigo. No resgate dos arquivos pessoais, tanto quanto na tenda da cartomante, a fortuna que se busca é imponderável — o sentido (destino) gravado no papel.

Parte fundamental do trabalho do decifrador, consiste em arrumar as cartas numa ordem especial, que fuja à seqüência dos números, da cronologia. Em vez de casá-las com os pares que lhes (cor)respondem, pode-se combiná-las com elementos de outras séries.

Durante 19 anos, entre 1889 e 1908, Machado de Assis — secretário do Ministério da Indústria, Viação e Obras Públicas — passa a trocar cartas com o jovem futuro diplomata Carlos Magalhães de Azeredo — vocação de literato, ao que tudo indica, equivocada. Dificilmente se podem extrair trechos de interesse artístico ou informativo dessa correspondência. Trata-se de um jogo e monótono, sem lances ousados, onde, para surpresa dos leitores da ficção machadiana, o grande jogador das palavras empata com um parceiro inexpressivo.

A par do interesse histórico-biográfico da correspondência, busca-se fazê-la revelar outros valores. Para este fim, propõe-se arranjar, sobre a mesa, as cartas de Machado cruzadas às cartas de Mário de Andrade — cartas escritas em circunstâncias semelhantes, isto é, peças de uma partida cujo parceiro é, também, um jovem intelectual: Murilo Miranda, um dos diretores da Revista *Acadêmica*.

Cerca de 50 anos separam as duas correspondências. Nesse ínterim, virou o século, houve duas guerras mundiais, quebra da bolsa de Nova Iorque, vários movimentos de vanguarda artística. No Brasil, surgiram focos de insatisfação com a república, que Machado vira proclamar. Estes culminaram no movimento de 30, transformado na ditadura de 37. Nesse período, radicalizaram-se posições ideológicas, enquanto a industrialização capitalista mudava a face das cidades. A "Semana de Arte Moderna", que Mário de Andrade ajudou a organizar em 22, foi tendo seus efeitos disseminados por todo o país, reformulando conceitos de cultura e arte, padrões de correção verbal e cri

térios de gosto.

Indiretamente responsável pela nova estética — marcada pelo repúdio à retórica — , a obra ficcional de Machado recebeu sucessivas reinterpretações, que foram descobrindo, em sua linguagem econômica, um sentido moderno, paralelo às descobertas freudianas, insubmisso às regras conservadoras da sociedade oitocentista. Quanto mais se lê os contos e, principalmente, os romances machadianos, mais ressalta a distância entre estes e o bom comportamento de suas cartas — perfeitamente integradas à farsa do jogo social de que participavam.

A anacrônica introdução de cartas de Mário na correspondência machadiana tem o objetivo de abrir o jogo, imprimindo-lhe outras regras.

Mário de Andrade certamente não reuniu uma obra ficcional com o peso da produção machadiana, pois descentralizou seu projeto artístico, dedicando-se, de um lado, à etnografia e, de outro, à correspondência. Consciente e propositalmente, trocou a perseguição da obra-prima pela preservação das raízes culturais de seu povo e pela discussão e transmissão de um conceito crítico e renovador de cultura brasileira aos seus pares e às novas gerações de intelectuais.

Ao contrário, buscando, obsessivamente, a obra perfeita — lúcida e equilibrada —, Machado diagnosticou, com perspicácia, a ausência do povo, em todas as decisões nacionais, e a alienação da elite autoritária que se cria liberal. No entanto, se não aderiu a essa elite, não chegou a criticá-la abertamente; caricaturou-a com extrema sutileza em suas narrativas, mas, na vida, soube conviver educadamente com ela, correspondendo-se com jornalistas, políticos e diplomatas sem deixar escapar uma só nota do humor cortante, que criou Brás Cubas e Dom Casmurro.

Nas infundáveis partidas em que empenhou o melhor de suas capacidades, Mário de Andrade deve ter, freqüentemente, aturdido seus parceiros, ao baralhar os naipes — começava uma seqüência como professor e chefe do Departamento de Cultura e terminava a como Macunaíma: irreverente, debochado. É evidente que, aqui e ali, trapaceou um pouco. Basta comparar cartas

trocadas com Oneida Alvarenga¹ às notícias e desabafo feitos a Murilo Miranda², na mesma época, para ver que a nomeação para o Departamento de Cultura é tratada em versão divergente, conforme o destinatário.

Na maior parte do tempo, entretanto, Mário joga limpo, expõe-se com tal ímpeto de confessar-se e tal frequência, que os lances arriscados tornam-se rotina.

Julgadas por esses parâmetros, as jogadas realizadas por Machado são todas duvidosas. Ele nunca se empenha na competição, esconde tentos, imita o jogo do adversário, propicia o empate. Quem joga — parece certo — é o Conselheiro Aires, com seu "tédio à controvérsia". E faz jogo de "medalhão": não arrisca nada para nada perder; diante de adversário inepto, en tretêm-se com partidas medíocres.

Distanciados por meio século, mas reunidos na mesma tro ca de cartas, cujos naipes são letras, críticas, favores e po deres, os dois parceiros — Machado e Mário —, distinguem-se pelo estilo de armar o jogo: o primeiro mantém-se rigorosamente dentro das regras convencionais; o segundo desobedece normas, buacando inventar novas jogadas. O ã-vontade de um contrasta com o formalismo do outro. Mário aproveita a meia-privacidade da correspondência, para exercitar a oralidade da es crita, a mescla de temas fragmentariamente enfocados, a quebra de preconceitos — desenvolvendo seu projeto de vanguarda. Ao contrário, Machado esmera-se na nota conservadora, quando se corresponde com os amigos. No espaço público do romance, o autor se desdobra em narradores que experimentam o "método" a plicado "à fresca e à solta, como quem não se lhe dá da vizi nha fronteira, nem do inspetor de quarteirão". Nas cartas, as sinando diretamente seu discurso, Machado guarda-se de qualquer ousadia. Trazendo o "método" de "gravata" e "suspensórios", vai compondo, com "eloquência" "tesa, engomada e cho cha"³, missivas de "medalhão"⁴.

A peculiaridade da partida original, em que se lançaram essas cartas, constituiu-se pela situação de iniciante do jov em adversário. Isso estimula, no competidor experimentado, a condescendência, a atitude didática e a revelação (explícita

ou escamoteada) do fascínio pela juventude. Prolixo, Mário expande-se em elogios e reprimendas, apresentando seu próprio exemplo de comportamento intelectual jovem, avançado, aos moços da revista *Acadêmica* — presos, segundo seu julgamento, a atitudes hipócritas de acomodação. Machado controla seus desabaços e nunca se deixa levar pelo impulso de alongar-se no tratamento de seus interesses. Com um seco: "basta (...) de mim"⁵, volta-se educadamente, para os assuntos da carta recebida. Aconselha, em tom convencional, o estreante: "não esqueça as musas", desculpando-se pela "vulgaridade" da lembrança⁶, mas reafirmando-a, com sua autoridade de velho.

Mais vulgar, ainda, torna-se o discurso machadiano ao reiterar agradecimentos ao moço que se corresponde, assiduamente, com "este pobre homem, avelhantado, se não velho"⁷. A atenção da juventude lhe é tão cara, que ele se arrisca ao pieguismo de diminuir-se, para fazer ressaltar a amizade e a dedicação de Magalhães de Azeredo. Embora sua vida atribulada de intelectual e burocrata não lhe permita escrever com tanta assiduidade, ao jovem diplomata, quanto este o faz, o autor de *Dom Casmurro*, estranhamente, supervaloriza as cartas do moço: — "espero-as carinhosas e amigas como sabem ser"⁸ — e elogia, com exagero, sua produção literária — "ã idéia é linda e o estilo rico e apurado"⁹. Em vez de entender-se — possivelmente com razão — diante dos versos do poeta jovem, como Bento Santiago, Machado, ele mesmo, abre mão do rigor crítico que produziu Santiago e seu discurso e, para não parecer "casmurro", profere louvores gratuitos, apoiando-se em frases de efeito, como: "a mocidade é de si mesma a poesia"¹⁰.

Enquanto Machado se mostra o jogador dos salões requinta dos (ainda que se trate do requinte duvidoso dos novos ricos), que procura não vencer a partida para não desagradar o adversário; Mário de Andrade, pertencendo a uma geração habituada a "êpater", jamais economiza trunfos, decidido a fazer-se respeitar por seus lances arrojados. Certamente desnorteia um pouco os companheiros de mesa, ao oscilar entre as declarações derramadas de amizade e a rispidez das descomposturas e queixas. Confrontem-se trechos escritos, na mesma época, ao

mesmo destinatário:

- "(...) é desagradável pra mim que um veterano que nem eu, venha chamar a atenção de você pra posições francas, claras, leais:" (p. 34)
- "(...) neste número lastimável e sem a menor reserva, vejo a Revista atacar o armandismo (...)" (p. 46)
- "(...) pois deixe eu lhe diga assim por carta que é mais fácil, que eu considero você, com todos os seus defeitos, uma das almas mais lindas, mais puras, mais generosas(...)" (p. 46)

Divergentes em seu comportamento como missivistas, os dois intelectuais revelam preocupações semelhantes, mas expõem-nas por prismas contrários. É comum o desejo de ser admirado pela nova geração. Aí entra todo um jogo, planejado para, ganhando a simpatia do parceiro, envolvê-lo em sua rede de influência. A grande distância que separa o Presidente da Academia de um estreante, ainda que apadrinhado, só pode reduzir-se por um artifício como o da ênfase na promessa representada pelo jovem, em contraste com a limitação dos horizontes do velho. As vantagens da mocidade, somam-se, no caso de Magalhães de Azevedo, o prestígio da carreira diplomática e o fascínio das viagens que esta proporciona.

"Creio, é um belo espetáculo (...) para os homens vencidos dos anos (ao menos, para mim) a felicidade assim completa e merecida, em plena juventude." (p. 52)

Na amargura mal disfarçada de quem, sentindo-se preso a sua cidade, vê amigos brilharem na Europa, revela-se a ambivalência do remetente das cartas. Seu discurso joga com o desejo e o desprezo. Deplora o desconhecimento de "tantas cousas belas" (p. 75) — uma "das grandes lacunas de sua vida". (p. 111) Orgulha-se, certamente, de ter produzido sua obra, sem nunca se afastar de seu "recanto, velha cidade carioca, sabendo unicamente de outiva e de leitura o que há por fora e por longe." (p.181/182)

A ambivalência impede que as cartas se reduzam à banalidade dos "clichês". A postura de "medalhão" a que elas correspondem é marcada por falta de sinceridade. O "pai", Machado

de Assis, ao aconselhar o "filho" — no momento em que, elogiando-lhe os escritos, confere-lhe a maioria —, assume, ele próprio "as frases feitas, as locuções convencionais, as fórmulas consagradas pelos anos."¹¹ O "filho" segue o modelo convencional do literato, voltado para o sucesso, e o "pai" não o desencoraja. Mas deixa ler, nas entrelinhas, suas dúvidas de conselheiro, que valoriza o sucesso mas tem razões para desprezar o público que o garante. Se o pai-personagem compara suas palavras ao *Príncipe* de Machiavelli, será o missivista um jogador mais artiloso, por fazer-se passar pelo "medalhão" que, porventura, reconhece no filho?

A resistência à travessia do Atlântico, frustrando o sonho de ver Roma¹², compensa-se pela familiaridade com a Europa literária. Não há Roma de Byron ou Veneza de Musset¹³, que Machado não tenha palmilhado vezes sem conta. Seu texto está impregnado desse saber europeu, que ele sempre discutiu com a gudeza, perfeitamente à vontade. A rigor, a transposição do mar é dispensável. A viagem da escrita, de há muito, já realizou a travessia. Por isso, condensam-se, na mesma frase, a viagem e a morte, a perfeição e a literatura: "A Itália dá-me não sei que reminiscência clássicas e românticas (...)" "Fala-me em lá ir, mas eu já agora tenho outra e única Roma, mais perto e mais eterna." (p. 96)

Todas as cartas dirigidas pelo "velho" escritor ao diplomata que, muito jovem, foi transferido para Roma, visam a transposição da experiência italiana em literatura — e literatura de qualidade tal que lhe garanta a permanência. "Aí volta a Roma (...), o silêncio, se o há aí, é ainda uma musa." (p. 147/148)

"Venha disso, meu jovem amigo, já completando e multiplicando os seus trabalhos, sem precipitação, com a paciência velha de Chateaubriand, de Pascal, de Flaubert." (p. 121)

A sedução, que a imagem clássica da Roma eterna exerce sobre Machado, corresponde à figura esboçada nas cartas que lança — o desejo de perfeição e permanência das letras. Se ele se empenha pouco, no jogo da correspondência, é porque, na velocidade do cotidiano, não consegue inscrever nas cartas a

marca do perfeito acabamento artístico. "Quisera escrever cartas (...) não sô pessoais, mas literárias também, isto é, duas vezes agradáveis entre amigos que cultivam a arte (...)" (p. 171)

No discurso de Mário de Andrade, não fica a marca da passagem do tempo, que o envelhece, porque ele não demanda nenhuma Roma eterna. Absorve-o inteiramente o aqui e agora. Por isso, joga tudo em cada cartada. Desdobra-se, buscando ganhar as partidas, sem se preocupar com a precariedade desses jogos-castelos, que arma com suas cartas. As letras o fascinam, sem dúvida, mas não as considera a fim último de seus esforços, como faz Machado. Para este, é necessário roubar tempo às outras atividades para dedicá-lo ao aperfeiçoamento da obra literária. Para aquele, a exclusiva dedicação às letras não satisfaz, se não se fizer acompanhar de um projeto político, de uma atividade cultural imediatamente útil.

"E também você sabe, você sabe muito bem, Murilo, o que significou pra mim a minha... adesão ao Departamento de Cultura. Me lembro perfeitamente bem que disse também pra você que encarava isso como um suicídio (Os velhos morrerão ...) porque não podia agüentar mais ser um escritor sem definição política. O Departamento vinha me tirar do impasse asfixiante, ao mesmo tempo que dava ao escritor suicidado uma continuidade objetiva à sua "arte de ação" pela arte." (p. 39)

Imerso em burocracia, como secretário do Ministério da Viação, Machado desconhece totalmente a possibilidade de exercer um papel produtivo culturalmente, através de sua situação de intelectual, envolvido com os primeiros escalões do governo¹⁴. Nem sequer como presidente da Academia Brasileira de Letras, o escritor discute a oportunidade de uma "ação" social por meio da "arte". Sua atividade de chefe dos acadêmicos limita-se — pelo que se pode ler nas cartas — à troca de influências para promover o preenchimento de vagas e conseguir uma sede para as reuniões.¹⁵

As referências constantes à morte, ao longo das considerações sobre a produção literária, indicam, da parte de Machado, uma falta de flexibilidade para transformar o "suicídio"

— a suspensão forçada da criação literária — em surgimento de novas vidas, vidas úteis, multiplicadoras de valores estéticos. Esse ressurgimento parece impossível a quem define arte, tradicional e redutoramente, a partir da perfeição. A morte ameaça aquele que persegue a obra acabada, eterna. Para a visão descentralizadora, que retira riquezas da precariedade, cada impasse é estímulo para "suicídio" e renascimento.

"Vocês não sabem por exemplo (diz Mário aos jovens editores da *Acadêmica*), que ao pesar sem nenhuma piedade as minhas forças de escritor, e reconhecendo elas fracas para uma eternidade, orientei toda a minha obra para utilidade momentânea, mesmo com sacrifício de qualquer idéia de perfeição. Fiz e faço "arte de ação", como desde bem mais de dez anos venho repetindo aos amigos, em artigo." (p. 37)

Da leitura paralela das cartas de Machado e Mário, ressalta a diferença fundamental entre os dois discursos. A correspondência do modernista traz o interesse de partida levada a sério, como parte significativa do jogo representado pelo conjunto da obra. Apesar de não ser o autor do conto, é Mário de Andrade que indaga, assumindo todas as responsabilidades da resposta: — "O que é eterno, Iaiá Lindinha?"¹⁶

Machado, cauteloso com as amorosas e as cartomantes, nada pergunta às cartas, nem formula questões nas mesmas. Sua correspondência vai pouco além dos jogos frívolos dos salões; se comparada à parte conseqüente de sua obra, revela-se, sem dúvida, apenas um drible — brincadeira de jogador experimentado, que não encontra parceiros à altura.

NOTAS

1. Cf. MÁRIO DE ANDRADE. *Oneyda Alvarenga: Cartas*. São Paulo, Duas Cidades, 1983, p. 123.

"O caso é o seguinte. Se eu conseguisse pra você aqui em São Paulo um emprego público aí duns 700\$000 talvez, você aceitava? Imagine que o Prefeito mandou de sopetão me convidar pro cargo de Diretor da Divisão de Expansão Cul

tural, dum Departamento de Cultura e Recreação, que ele vai criar hoje ou amanhã." Carta de 6-V-35. p. 104.

"Quanto ao Departamento, você nem imagina que encrenca ! Positivamente não posso, não devo sequer lhe contar o que está se passando aqui. O Prefeito e o deputado Paulo Duarte muito amigo do Prefeito, quiseram fazer uma coisa séria, útil de verdade, com pessoal tecnicamente especializado, etc. E como conhecem bem o que seja a vida e os homens brasileiros trataram de fazer tudo no máximo sigilo. (...) Mas, Oneida, sou obrigado a lhe confessar, preciso mesmo de encontrar um coração amigo pra confessar que já estou completamente enfartado e amargado dos homens." 26-V-35. p. 110.

"Creio quasi (sic) na sua nomeação. O Prefeito aceitou a possibilidade de criar a discoteca imediatamente, e concedeu verba pra isso. Por toda esta semana vou propor o mecanismo, o pessoal, e porei o seu nome no meio. E insistirei como possível, evidentemente sem pleitear propriamente, nem proteger. (14-VII-35) p. 123.

2. ANDRADE, Mário de. Cartas a Murilo Miranda, 1981.

"Um dia hei de lhe contar estes dias de São Paulo comigo, tudo o que tem sucedido. É mais ou menos uma pândega, mas pândega de enjoar dos homens. O meu lugar na Prefeitura não sei mais se virá um dia! Entrou política no meio e parece que a coisa foi adiada sine die". (Carta de 27-V-35). p. 16.

"Uma coisa quero lhe dizer, Murilo. Está claro eu tenho minhas dúvidas sobre tudo o que vocês poderão pensar sem mal, desta reviravolta brusca da minha vida e de eu ter aceitado um cargo de funcionário público. Duas coisas me inquietam especialmente, e eu vou ser sincero (...). Uma é que eu tenha de qualquer forma, procurado um lugarzinho, não procurei nem ninguém por mim. (...)" (6-VII-35). p. 18-19.

"Ora com todos estes dados em que vocês levianamente não pensaram ou censuravelmente ainda não tinham descoberto, não é possível vocês não compreenderem agora que a situa

ção de vocês me tem preocupado e a conseqüente vontade e imaginação de arranjar vocês mais permanentemente numa qualquer vida. (...) Pensei no Capanema mas foi pouco, pensei em aqui e foi muito. Mas tem a decisão constitucional antes de mais nada, que não permite porque vocês não têm dez anos de moradia no Estado (...).

(...) Parei, me faltou respiração, não sei, que parei, não pedi. Não foi possível pedir! Pouco tempo depois era nomeado diretor do Departamento. Oneida tinha o tempo constitucional de moradia aqui, chamei ela (sic), está aqui." 9-V-36. p. 29-30.

3. MACHADO DE ASSIS. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. *Obra completa*. Rio de Janeiro, Aguilar, vol. I, 1962. p. 523.
4. ———. Vol. II. 1962. *Teoria do Medalhão*. *Papéis avulsos*. *Obra completa*. Ed. cit., vol. II. p. 288-295.
5. *Correspondência de Machado de Assis com Magalhães de Azere do*. Ed. cit. (carta de Machado de 14-I-1894). p. 24-25.
6. Idem, *ibidem* - 2-V-1895. p. 41-42.
7. Idem, *ibidem* - 9-XII-1895. p. 68.
8. Idem, *ibidem* - 2-VI-1895. p. 41-42.
9. Idem, *ibidem* - 4-IV-1896. p. 84-85.
10. Idem, *ibidem* - 2-II-1895. p. 33.
11. MACHADO DE ASSIS. *Teoria do Medalhão*. *Papéis avulsos*. Ed. cit. vol. II. p. 291.
12. *Correspondência de Machado de Assis com Magalhães de Azere do*. Ed. cit. Carta de Machado de 17-XI-1896, p. 95-96.
13. Cf. idem, *ibidem*, p. 109 (25-IV-1897): "aos que acharam uma Itália demasiado administrativa e parlamentar dá as ruínas e pinturas."/ p. 130-131 (7-XII-1897): "A Itália ainda tem onde se lhe respigue apesar de Mme. de Stael, Byron e Stendhal" ./ p. 206 (5-XI-1900): " (...) fala-me sempre de cousas italianas, que me fazem lembrar a bela O Eixo e a Roda, Belo Horizonte, (4): p. 59 - 70 , 1985.

ode de Musset ao irmão, 'en reverant d'Italie'."

14. Cf. *Correspondência de Machado de Assis com Magalhães de Azeredo*. Ed. cit. (19-III-1900). "O trabalho cresce-me a medida que o tempo diminui. (...) Vamos depressa a esta antes que me levem os minutos". Ver também a carta de 7-XI-1899. Machado aconselha a Azeredo a não deixar que outras tarefas e interesses tomem tempo "às letras, que por si mesmas não dão desgostos, e muita vez os fazem esquecer ou minorar". (10-V-1898).
15. Cf. *Idem*, *ibidem* (5-XI-1900). "A nossa Academia Brasileira parece que afinal terá três cousas — casa, franquia postal e impressão de inéditos de autores mortos (...)"
16. MACHADO DE ASSIS. *Eterno! Páginas recolhidas. Obra completa*. Ed. cit. vol. II. p. 605.

As citações da correspondência de Machado e Mário foram retiradas das seguintes edições:

- *Correspondência de Machado de Assis com Magalhães de Azeredo*. Org. Carmelo Virgillo. Rio de Janeiro, INL, 1969.
- ANDRADE, Mário de. *Cartas a Murilo Miranda*. Rio, Nova Fronteira, 1981.